

O JORNAL “O ITABERAHY” E O PROCESSO DE CONQUISTA DOS DIREITOS DAS MULHERES EM GOIÁS (1926-1930)

THE NEWSPAPER “O ITABERAHY” AND THE PROCESS OF ACHIEVING WOMEN’S RIGHTS IN GOIÁS (1926-1930)

Raquel de Queiroz Greco 1

Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro 2

Resumo: Este artigo é resultado da pesquisa de iniciação científica da PUC GO, realizada no período de 2021 a 2023, dentro do projeto de pesquisa “Protagonizando vidas: mulheres em narrativas. Seu propósito é examinar o periódico goiano “O Itaberahy”, que circulou entre os anos de 1926 e 1930 no estado de Goiás. Destaca-se que a maioria desses escritos foi publicada sem autoria ou sob pseudônimos literários. Sendo assim, o artigo busca revelar as formas de mobilização das mulheres goianas em defesa de seus direitos, considerando que a sociedade da época era marcada por uma estrutura patriarcal que resultava na marginalização das mulheres em diversas esferas da vida, negando-lhes protagonismo e atuação ao longo do tempo. A metodologia utilizada consistiu em pesquisa documental realizada no Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC), que permitiu o acesso ao jornal “O Itaberahy”. Além disso, foi realizada pesquisa bibliográfica, através da leitura de livros, textos e artigos, promovendo um aprofundamento na temática. Dessa forma, o objetivo do trabalho foi analisar o processo de conquista dos direitos humanos das mulheres através de seus escritos no jornal “O Itaberahy” durante a década de 1920 no estado de Goiás.

Palavras-chave: O Itaberahy. Mulheres. Direitos. Goiás.

Abstract: This article is the result of the scientific initiation research at PUC GO, conducted from 2021 to 2023, within the research project “Starring lives: women in narratives.” Its purpose is to examine the Goiás newspaper “O Itaberahy,” which circulated between the years 1926 and 1930 in the state of Goiás. It is worth noting that most of these writings were published without authorship or under literary pseudonyms. Therefore, the article seeks to reveal the ways in which Goiás women mobilized in defense of their rights, considering that the society of the time was marked by a patriarchal structure that resulted in the marginalization of women in various spheres of life, denying them protagonism and agency over time. The methodology used consisted of documentary research conducted at the Institute of Research and Historical Studies of Central Brazil (IPEHBC), which allowed access to the newspaper “O Itaberahy.” In addition, bibliographic research was conducted through the reading of books, texts, and articles, promoting an in-depth exploration of the theme. Thus, the objective of the work was to analyze the process of women’s human rights advocacy through their writings in the newspaper “O Itaberahy” during the 1920s in the state of Goiás.

Keywords: O Itaberahy. Women. Rights. Goiás.

-
- 1 Graduada em Licenciatura em História pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO). Goiânia, Goiás, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0218259440871283>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-3084-5897>. E-mail: grecoaquela08@hotmail.com
 - 2 Graduada em História e mestre em História pela UFG-GO, doutorado em História Econômica USP-SP, pós doutorado em História na UFF-RJ e pós doutorado em Literatura Comparada pela Université Sorbonne Nouvelle- Paris. Professora Titular PUC-GO e pesquisadora associada externa do Centre de Recherches sur les Pays Lusophones CREPAL- Université Sorbonne Nouvelle – Paris. ORCID: <https://orcid.org/0001-6694-8054>. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/0992325312724959>. E-mail: mariariosacavalcante@gmail.com

Introdução

A escritora Virginia Woolf, em seu ensaio “Um teto todo seu” (1929), discute que ao longo da história as mulheres foram sistematicamente excluídas das oportunidades educacionais, financeiras e sociais que teriam permitido o desenvolvimento de seu potencial literário. Woolf debate a ideia de que, para uma mulher escrever ficção, ela precisa de dinheiro e de um espaço próprio – daí o título do ensaio “Um teto todo seu”. Nesse sentido, levantam-se questionamentos sobre a posição das mulheres enquanto escritoras na sociedade contemporânea (Senem, 2008, p. 112).

O processo de conquista dos direitos das mulheres no estado de Goiás ocorreu de maneira lenta, onde por muito tempo elas foram inferiorizadas pela sociedade – sendo impedidas de participação política, da escrita e de contar suas próprias histórias. No campo literário, durante o século XX, muitas mulheres intelectuais escreveram, mas suas obras ficaram escondidas pela historiografia. Ainda que o patriarcado agisse na tentativa de ocultar histórias de vida e obras de mulheres escritoras, houve aquelas que resistiram e protagonizaram suas vidas de alguma maneira.

Algumas mulheres eram ousadas e assinavam em periódicos seus escritos críticos com o próprio nome, enquanto outras assinavam com pseudônimos ou deixavam no anonimato. Destaca-se que há o momento de interseção da literatura com o feminismo, onde é necessário compreendê-lo, uma vez que as escritas eram um meio pelo qual as mulheres expressavam suas demandas por direitos. A autora Duarte (2003) reflete que a exclusão da literatura de autoria feminina deriva da interligação com preconceitos arraigados e da relutância em abraçar uma perspectiva literária distinta. Isso se deve ao fato de que, dentro das normas estabelecidas pela sociedade burguesa, a literatura é legitimada predominantemente através da lente única do olhar masculino.

Essa perspectiva unidirecional acaba por marginalizar a produção literária das mulheres. Assim, percebe-se que há um medo enraizado na sociedade de que as mulheres direcionem, por meio de suas escritas, reflexões ao público feminino que faça outras mulheres enxergarem a necessidade de buscar seus direitos, pois as escritas influenciadas pelo pensamento feminista “buscam retratar a luta por direitos iguais”. espaços e reconhecimento, além de trazer como demanda em suas obras” (Brito, 2021, p. 26-27).

O presente artigo baseia-se no periódico goiano “O Itaberahy” (1926-1930) como sua principal fonte. Este jornal apresenta uma vasta coleção de escritos produzidos por mulheres da época que buscavam desafiar o sistema patriarcal, almejando adquirir direitos, independência e reconhecimento. Assim, as vozes dessas mulheres ecoavam na luta por maior visibilidade e pela conquista de seus direitos, provenientes tanto daquelas que possuíam permissão social para se expressar quanto das que, de fato, eram ousadas.

Quanto à metodologia utilizada, realizou-se uma pesquisa documental no Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC), permitindo o acesso ao jornal “O Itaberahy” e seus escritos. Adicionalmente, uma pesquisa bibliográfica foi conduzida para aprofundar a compreensão da temática, incluindo a leitura de artigos, textos, livros e dissertações. É importante ressaltar que este estudo é resultado de três anos de pesquisa, realizado durante a Iniciação Científica e na elaboração da monografia para a conclusão do curso de Licenciatura em História.

Este artigo está estruturado em três partes distintas: na primeira parte, busca-se analisar e contextualizar o jornal O Itaberahy, refletindo sobre as características do periódico, seu surgimento, a circulação e seus principais objetivos. Na segunda parte, realiza-se uma análise de algumas obras publicadas no jornal com um viés feminista. Considerando que a sociedade do estado de Goiás nesta época era predominantemente conservadora e machista em relação às mulheres, essa análise torna-se fundamental para compreender o contexto dessas produções. Na terceira e última parte, busca-se realizar uma reflexão acerca das contribuições dessas mulheres para o processo de conquista de direitos humanos das mulheres em Goiás, destacando o impacto de suas obras e de suas lutas na sociedade da época

O jornal “O Itaberahy” (1926-1930)

O jornal “O Itaberahy” teve sua origem no ano de 1926, com o propósito de veicular notícias, crônicas e artigos pertinentes ao estado de Goiás. Como sugere seu próprio nome, o jornal emergiu na cidade de Itaberahy, atualmente conhecida como Itaberaí. Naquela época, Itaberahy era uma das menores cidades do estado, com uma população estimada em aproximadamente 44.734 habitantes. O surgimento do jornal visava promover e enaltecer o município, uma vez que, nos primeiros anos do século XX, as cidades do interior não recebiam o devido reconhecimento e apreço.

Apesar de focar em eventos locais, o periódico também abordava informações e debates provenientes de outras localidades, ampliando seu escopo além das fronteiras do município. O jornal não se limitava apenas a notícias locais, mas também destacava acontecimentos e produções escritas de cunho regional.

A circulação do periódico ocorria principalmente em Itaberahy, alcançando predominantemente a população residente na cidade do interior. No entanto, embora de dimensões modestas, suas páginas alcançavam outras regiões do estado de Goiás, incluindo a capital da época, a Cidade de Goiás, e outras cidades vizinhas como Jaraguá, Pirenópolis e Palmeiras de Goiás, ampliando assim sua base de leitores. O jornal chegou a ser referenciado em outros estados, como evidenciado em sua menção nos jornais “O Estado de São Paulo” e “Gazeta de Uberaba”, ambos datados de 1926.

« ITABERAHY – Temos sobre a mesa o primeiro número do “Itaberahy”, interessante quinzenario que acaba de ser fundado na cidade do mesmo nome, no Estado de Goyaz, pelos srs. Arthur e Eliezer Pinheiro.

Trata-se de um jornal literario e noticioso, com quatro páginas nitidamente impressas, em elegante formato, enfeixando materia de apreciavel valor informativo. A novel publicação, sendo o primeiro jornal que se imprime na longinqua Itaberahy, marca indubitavelmente um apreciavel progresso na vida dessa prospera cidade. »

(Jornal O Estado de São Paulo, 1926)

«Itaberahy» – Em Itaberahy, no visinho Estado de Goyaz, acaba de surgir um jornal bi-mensual, independente, literario e noticioso. Dirigido pelo sr. Arthur Pinheiro, tendo como gerente o sr. Eli «ser Pinheiro, o collega goyano surge animado dos mais ardentes propositos de bem

servir Itaberahy, Goyaz, e o Brazil, sob o lemma: «pela Patria e pelo povo». Ao novel collega, a «Gazeta» retribue a visita, formulando

votos de muitas prosperidades»

(Jornal Gazeta de Uberaba, 1926)

No jornal O Lar, na comemoração do seu aniversário, o periódico foi citado em palavras de agradecimento juntamente com outros jornais da época:

Aos nossos distintos confrades O Democrata, Voz do Povo, Mensageiro do Rosário e O Estudante, todos da Capital e ao Ytapemeri; Araguay e Itaberahy, agradecemos, cordialmente, as amáveis referências que tiveram para com nossa folha, pelo motivo da passagem do nosso primeiro aniversário (O nosso aniversário, sem autoria, O Lar, 15/08/1927, p. 2).

Nesse contexto, se o jornal foi mencionado, é porque estava sendo acessado pela população da cidade de Goiás e por pessoas de outros estados. O Itaberahy não se concentrava em suas escritas e notícias voltadas para a emancipação das mulheres, uma vez que era um periódico dirigido por homens, ao contrário do jornal O Lar, que, circulando na mesma época, era dirigido por mulheres e tinha o objetivo de apoiar e defender o público feminino. Assim, o periódico não priorizava

discussões sobre feminismo, mas sim outros tipos de temáticas, embora também abordasse alguns debates sobre as mulheres.

Na primeira publicação do jornal, no ano de 1926, os principais focos e objetivos do periódico foram explicitados de forma evidente, destacando principalmente as qualidades do município. A escrita deixava claro que o jornal seguiria uma linha de imparcialidade e que não se desviaria dos interesses gerais da sociedade.

O ITABERAHY

“O Itaberahy”, que hoje se apresenta ao publico, não vem vestido com as pomposas roupagens da política ou do officialismo.

Imparcial, jamais se emiscuirá em questões que não visem o interesse geral do nosso municipio, do Estado de Goyaz e do querido Paiz Cruzeiro do Sul.

Noticioso, dará sempre as noticias de grande importancia.

Defensor, estará sempre de arma em punho e na lissa da lucta, todas as vezes em que o nosso municipio, o Estado ou a União se sinta na necessidade de defeza.

Como orgão de interesse geral, noticiará todos os actos do Governo, que possam interessar, sem os commentar.

Eis em poucas linhas traçado o programma do nosso primeiro jornal. Sempre de viseira alevantada palmilhará a trilha, que lhe é traçada, não se importando nunca com as caretas dos invejosos, ou com o indifferentismo dos jgnorantes.

Apresentado ao publico o nosso modesto jornal, pequeno no tamanho, mas, grande no ideal [...] (O Itaberahy, 1 de fevereiro de 1926).

O jornal preocupava-se em atender aos interesses do público e, levando em consideração essa característica do periódico, estava disposto a não se envolver em polêmicas e escândalos em suas escritas, pois, como afirmam os estudiosos, os jornais de modo geral “deveriam impreterivelmente estar em sintonia com o interesse do público leitor” (Santos, 2018, p.45).

Assim, enquanto em outros jornais algumas mulheres publicavam escritos utilizando seus próprios nomes, no jornal O Itaberahy percebe-se uma maior quantidade de textos sem autoria ou com a utilização de pseudônimos literários.

A escrita das mulheres iluminou os caminhos pelos quais elas seguiram, conscientemente ou não, em busca de autonomia e ampliação de seus espaços de poder. Espaços que se ampliaram consideravelmente a partir do momento em que elas se lançaram no universo da literatura inicialmente, eclipsadas por pseudônimos e, posteriormente, enfim, assistindo suas assinaturas inseridas nas colunas de jornais e revista. Tendo seus nomes estampados em livros de própria autoria (Santos, 2018, p.2).

A autora Ferreira (1998, p. 91) considera que a literatura “possibilita ao leitor a capacidade de averiguar a linguagem, os usos, os costumes, as representações e o cotidiano das pessoas inseridas em determinado tempo e espaço”. Assim, a partir da análise das falas, críticas e discursos das mulheres goianas, percebem-se seus intuítos e propósitos em relação à sociedade da época.

Ainda que seus escritos não priorizassem o público feminino e as discussões sobre o feminismo, em 1928, a escritora Grace Machado tornou-se redatora do jornal. Grace era uma escritora feminista que defendia abertamente os direitos das mulheres. No jornal O Lar, Grace publicou inúmeras obras que defendiam o sufrágio feminino e o reconhecimento das mulheres goianas, enquanto no O Itaberahy seus escritos priorizavam outros temas. Somente mais tarde é que o periódico começou a reconhecer as mulheres, divulgando a escritora como redatora.

GRACE MACHADO

Sentimo-nos ufanos em transmittir aos amaveis leitores que o astro feminino, que brilha na constellação dos litteratos goyanos, a fulgurante jornalista Graciema Machado “Graace Machado”, gentilmente accedeu ao nosso convite, acceitando o logar de Redactora de nosso modesto jornal. Essa estrella, que fulgura no firmamento das letras patrias, é um dos espiritos mais bem formados, que perlustram a senda do jornalismo sertanejo.

A belleza de sua alma vibrante é espelhada em seus artigos, que traduzem a grande illustração de uma intelligencia robusta.

Com esse auspiciosa noticia, que damos aos nossos amaveis leitores, nos cougratulamos com elles e nos sentimos em extremo honrados.

No proximo numero “Itaberahy” estampará um magistral artigo da lavra de nossa novel Redactora, sob a epigraphe “Miseraveis” (Jornal O Itaberahy, 01/03/1928).

A escritora é elogiada com expressões como “essa estrela”, “espírito bem formado”, “beleza de sua alma” e “inteligência robusta”. Esses elogios dirigidos a Grace Machado mostram a admiração que se tinha na época por sua intelectualidade. Sua nomeação como redatora é anunciada de uma maneira que o autor expressa honra e gratidão pela participação de Grace no jornal, reconhecendo sua intelectualidade e capacidade – algo inédito para a época.

As mulheres e o jornal “O Itaberahy”

A sociedade, até os dias de hoje, continua tentando subestimar e inferiorizar a inteligência das mulheres. No estado de Goiás durante o século XX, isso era ainda mais evidente, havendo um medo enraizado de que as mulheres pudessem influenciar, por meio de suas escritas, outras mulheres a buscar seus direitos. As escritas influenciadas pelo pensamento feminista “buscam retratar a luta por direitos iguais, espaços e reconhecimento, além de trazer como demanda em suas obras” (Brito, 2021, p. 26-27).

Os homens nesta época tinham receio das escritas que defendiam o feminismo ou qualquer outro tema que visasse a defesa dos direitos das mulheres. Na década de 1920 do século XX, surgiram diversas manifestações literárias de cunho feminista que encontraram veiculação nos periódicos da época, muitas vezes carecendo de autoria identificável, enquanto outras permaneciam sem nenhuma autoria, pois muitas mulheres ainda temiam a reação da sociedade. Um exemplo disso é o texto intitulado “Do Feminismo”, publicado no jornal O Itaberahy (1926).

DO FEMINISMO

O ingente, pertinaz estorço que a Eva brasileira vem empregando nos derradeiros tempos, afim de elevar intellectualmente o nome de nossa patria, não póde despercebido a todo individuo que acompanhe o movimento intellectual deste país.

Não se conceberia mesmo que a mulher brasileira se deixasse ficar adstricta ao papel secundario de companheira do homem no lar, distribuindo entre elle e os pimpolhos todos os seus affectos, todos os seus carinhos.

Si noutros paizes de civilização millenaria, carunchosa por assim dizer, a mulher tem procurado conquistar um logar ao sol, nada mais natural que, na livre America, as mulheres se báterem pelo ideal justissimo de intellectualmente, ser igualada ao homem (Saturno, O Itaberahy, 14/02/1926).

O olhar que considera as mulheres sensíveis, doces e frágeis influencia a ideia de excluí-las das decisões políticas. Por que as mulheres não podem participar da vida política? Por que não podem concorrer a cargos públicos? Por que sua participação na política não seria tão valiosa quanto a dos homens? Na escrita, são mencionadas como exemplo figuras femininas que buscavam fundar uma associação feminina de letras, mas ao mesmo tempo expressa-se antipatia pela ideia de vê-las competindo com os homens na política.

A escrita literária citada acima foi assinada no jornal como “Saturno”, mas a verdadeira autora(o) permanece desconhecida. O texto defende que as mulheres não devem se limitar ao papel tradicional de esposas, mães e donas de casa, mas sim devem buscar seus espaços na sociedade como intelectuais. As publicações de escritos nos jornais dessa época, ao abordarem temas polêmicos, quase nunca possuíam autoria, dada a notável indignação social. Mulheres que escreviam sobre assuntos como o feminismo eram frequentemente julgadas e, por isso, assinavam seus textos com pseudônimos ou eram publicadas sem nenhuma assinatura. Ainda que a autora(o) do texto questionasse o papel das mulheres, em sua continuação, manifesta-se contra sua atuação na política.

Entretanto, malgrado assim pensar, não julgo, como outros, que a mulher dera querer immiscuir-se nos negocios politicos, onde os proprios homens se debatem em xingatorios, em descomposturas soezes, reveladoras de sentimentos ancestraes na conquista da melhor parte do quinhão.

Ora convenhamos em que si è adoravel ler uma poesia escripta por mulher, e em que ella derrame toda sensibilidade de seu coração sonhador e lyrico, nada teria de bello assistir a uma contenda politica entre representantes do outro sexo.

Eu, que admiro o empenho de Julia Lopes, Bertha Lutz, Albertina Bertha Gilka Machado, querendo fundar uma associação feminina de letras; porque lhes é vedado ingresso na Academia Brasileira, votar-lhes-ia profunda antipathia, si as visse – como vejo a ineffavel sra. Leolina Daltro – a concorrer com os homens nas justas políticas.

E com razão... (Saturno, O Itaberahy, 14/02/1926).

Obras que exigiam e defendiam o sufrágio feminino foram amplamente julgadas, uma vez que no Brasil do final do século XIX e das primeiras décadas do século XX, “com o debate em torno do sufrágio feminino, recebeu calorosos defensores entre os congressistas! No entanto, recebeu também acirradas críticas” (Karawejczyk, 2013, p.79). Assim, percebe-se que ainda havia uma visão conservadora de que as mulheres não deveriam intervir nas questões políticas.

No jornal O Itaberahy, no ano de 1928, surgiram publicações de escritos anônimos de uma mulher que ousava criticar as injustiças sociais provenientes do patriarcado. Sob o pseudônimo literário “Lolota”, por um certo período, houve insinuações e dúvidas de que seria a escritora Grace Machado, que também publicava no jornal e mais tarde tornou-se redatora, como mencionado anteriormente. A então questionada escritora fez uma publicação rebatendo a suposição.

SOU MULHER

Mandei, ha poucos dias, algumas linhas ao ITABERAHY e achei adorável o efeito por ellas produzido aqui.

Ficaram todos intrigados com a tal Lolota.

Não foram capazes de descobrir a paternidade ou, melhor, a maternidade daquelles beliscões, que irreverentemente andei dando nas minhas companheiras de sexo. Queriam uns que eu fosse fulana, mas qual! esta não tem cadencia para a coisa, ponderavam logo; a Graace não é, porque seu stylo é de ouro não de cobre azinhavrado e tambem seus artigos são da mais alta categoria – afirmaram outros; e assim bamboleavam todos dentro da grande duvida.

Sentiam até comixões nos cotovellos por não poderem rasgar o véo, que resguarda esse obiecto de tanta curiosidade!
Os mais affeitos sustentavam: “Isso não é escripto de mulher: não sendo, como não é da Graace, de outra não pode ser.
As mulheres desta terra não vão nesse negocio de jornal!
E’ de homem o tal escripto, »
Ora esta! Então o escrever nos jornaes, aqui é privilegio só dos barbados? (Lolota, Jornal O Itaberahy, 1928).

Nesse momento, a escritora teve o objetivo de questionar as dúvidas sobre se seus escritos pertenciam a um homem. Percebe-se a seguinte indagação: Ora, se “Lolota” não é Grace Machado, de quem poderia ser? Ou seja, outra mulher não pode ser? Se não é de Grace Machado, então a escrita é de um homem? A sociedade goiana da época limitava as mulheres, e Grace Machado era uma das poucas que possuía o privilégio de publicar seus escritos assinados com seu próprio nome.

Grace era uma mulher ousada para divulgar suas opiniões sobre diversos temas, afinal, “publicava crônicas ácidas, tecia diálogos com o feminismo local e nacional e também colaborava com críticas às estruturas sociais de forma satírica e irônica” (Freire, 2016, p. 87). Inclusive, no jornal O Itaberahy (1927), Grace Machado foi noticiada e elogiada.

GRACE MACHADO

Em companhia de sr. cel. 1º vice Presidente do Estado, passou para a capital a prendada e talentosa senhorinha Grace Machado, nossa distinctissima e constante collaboradora, residente em Jaraguá.

Voltando de sua viagem a Bomfin, já se encontra na capital do Estado, o sr. dr. Celso Calmor, competente e energico chefe de policia, em cujo posto tem prestado relevantes serviços ao Estado (Sem autoria, Jornal O Itaberahy, 1927).

O destaque do nome da escritora como título fez com que ela tivesse uma maior visibilidade no jornal da época. Ser reconhecida como colaboradora do jornal e ser mencionada como uma mulher em companhia do vice-presidente do estado mostrou que ela possuía conexões políticas e sociais – o que era incomum para as mulheres naquele tempo. Mas afinal, como eram os escritos da tão referida Grace no jornal? Em sua obra “Ilusão e Esperança” (1927), Grace Machado escreve um trecho literário em que descreve diferentes fases do tempo e das experiências humanas, associando-as à ilusão e à esperança. Suas escritas neste jornal destacam, além da sua visão sobre a natureza, seu olhar sobre a vida.

Ilusão e Esperança

Manhãs radiantes, quaes sonhos roseos, perfumadas de flores, cheias de trilos alacres, frescas de ventos bons, doiradas de raios de sol, matizadas de nuvens esvoaçantes, aparecem na nossa vida e sobem para o meio dia...

Tardes calidas, de bellezas ciciantes, de sôpros mornos, de viração muito leve, de coloridos delicados, de pipilar hirundino, de maciez de pellucia, encantam as nossas almas, acariciam os nossos corpos e aprofundam-se nas noites...

E estas escuras ou claras, faiscantes de brilhos de estrellas ou dominadas pelo pallor do luar, em cuja tela se estira a coma brilhante da Via-Lactea, decorrem scismarentas, rociadas, tremulas de nevoas pelo nosso viver e abrem-se no sorriso magico das auroras...

E por todas estas phases do, tempo nas pégadas sangrentas do Ideal, desnastram-se os nossos sonhos, radiosos ou embrumados.

E estes são as Illusões que transmudam o lado feio que as

cousas apresentam, cobrindo e dulcificando os pesares com o manto vellutino e suave da chimera.

Oh! E a Illusão é o doce sophisma, a deliciosa mentira que reverdece a nossa vida de Esperança.

E, por vezes, eu ne fico a pensar que a Illusão e a Esperança constituem certamente algum premio misericordioso de indulgencia que Deus nos quiz dar pelo consolo reconfortante que, por eventualidade, derramamos nas outras almas e pelo bem desinteressado, que, acaso, praticamos (Grace Machado, *Jornal O Itaberahy*, 1927).

Descrevendo as manhãs radiantes, as tardes calmas e as noites, e refletindo sobre a ilusão e a esperança, Grace Machado pontua suas admirações. Para ela, as ilusões representam uma forma de resistência às dificuldades, encontrando conforto na beleza do mundo, enquanto a esperança é vista como um presente divino que se manifesta quando compartilhamos nossa bondade com os outros. Nesta obra, pode-se perceber uma característica da personalidade de Grace Machado: seu modo de enxergar a vida. A forma de escrita, as palavras utilizadas e a abordagem dos temas demonstram a intelectualidade e habilidade de Grace Machado.

Embora a escritora não abordasse diretamente o tema do feminismo neste periódico, seu nome e suas obras estão presentes em várias páginas do jornal – algo incomum para a época, já que a maioria das mulheres não era valorizada intelectualmente. Nas próximas obras, percebe-se o olhar da sociedade sobre o feminismo diante de palavras anônimas que foram publicadas.

O FEMINISMO EM ITABERAH Y

A mulher que vem fazendo em todo o mundo seria concorrência ao homem hombreado-se cum elle em todas as funções da vida, de dia a dia ganha mais terreno na conquista de seu ideal - a independência do sexo feio.

E' assim que vemos ; radicar entre nós o feminismo, invadindo já algumas attribuições do homem.

Já temos nesta cidade a mulher agente do correio, typographa, e agora surge nessa competição de trabalhos uma cabeleireira. Foi a surpresa agradável que tivemos ha pouco ao entrarmos num dos salões de cabeleireiros locais, onde uma gentil damasinha dedicava-se aos serviços dos cortes á la garçonne... abstando-se, por enquanto, ao corte da capilosidade que cobre o bestunto do gorilla humano, -- o homem, na linguagem irreverente de Miss Jane, personagem monteirolobatana.

Nesse progresso geometrico do leminismo, cujo fim é o isolamento dos representantes do pai Adão, será que ainda veremos a mulher povoar o solo, independente do homem?

E' quasi de se receiar... principalmente nestes tempos em que parecem falir as leis biológicas... (*Jornal O Itaberahy*, 1927)

Percebe-se nas palavras do autor anônimo uma visão a respeito do processo de conquista dos direitos das mulheres, relegados apenas aos homens. Os homens, principalmente, viam o feminismo como uma ameaça à sua posição social, o que prejudicaria seu domínio sobre as mulheres. A autora Santos (2018, p.128) reflete que “o feminismo representava o futuro e a modernidade na medida em que propiciava às mulheres uma nova possibilidade de futuro...”, porém os homens viam o movimento feminista como uma desestruturação familiar e uma ameaça, já que as mulheres deveriam exercer o trabalho de cuidado ao lar.

O autor mostra surpresa com a presença crescente das mulheres em campos antes dominados pelos homens, citando como exemplo o trabalho de uma cabeleireira que oferece cortes de cabelo “à la garçonne”, um estilo de corte de cabelo curto e moderno associado à emancipação feminina da época. No final das palavras, percebe-se o receio do feminismo, onde termina sua frase com a seguinte afirmação: “E' quasi de se receiar... principalmente nestes tempos em que parecem falir

as leis biológicas...” (Jornal O Itaberahy, 1927). Ou seja, a visão de que a emancipação dos direitos das mulheres está relacionada à falência das leis biológicas, uma afirmação machista e provocativa.

Em outra publicação no jornal, sob o título “Voto Feminino”, o autor discute sobre o sufrágio que estava em debate naquele momento. A emancipação feminina ocorreu de forma lenta na sociedade goiana, afinal, tratava-se de um local que priorizava o homem como proeminente. Na década de 30, com o crescimento do estado de Goiás e o surgimento de Goiânia, alguns jornais apoiavam os direitos das mulheres, especialmente o sufrágio feminino, enquanto outros tentavam impedir esse avanço: “questionavam a entrada (principalmente das mães) no mercado de trabalho e vetavam a inclusão da mulher na política” (Freire, 2016, p.34). Antes da conquista do direito das mulheres de votar, no periódico O Itaberahy, ocorreram algumas discussões sobre o tema.

VOTO FEMININO

Com o recente gesto do Congresso Estadual do Rio Grande do Norte, que, reformando a sua lei eleitoral, concedeu á mulher o direito do voto, conquista a alma feminina no Brazil uma brilhante victoria para sua emancipação politica social.

A mulher, que no antigo Oriente, era considerada uma escrava e que até há bem pouco tempo era de condição inferior ao homem obtem, com essa lei, prerogativas a que a sua intelligencia, a sua vitalidade intellectual e moral fazem jus.

Ella alcança assim o seu fiat-lux na concurrencia victoriosa ao homem, que em outras epocas' núm contraste doloroso e amargo, era seu senhor absoluto.

Mas essa reforma eleitoral, inaugurada presentemente no longinquo Estado do norte, vem fazer um bem ou um mal á mulher brasileira?

Não seremos nós que responderemos, de momento, a esta complicadissima interrogação. Estamos, todavia, quasi a affirmar que as nossas distictas patricias| ainda não estão de modo sufficiente habilitadas para gosar desses direitos que a nossa constituição concede pros que nascem no nosso paiz.

O feminismo é incipiente ainda no nosso Brazil, e as suas idéas pouco propagadas. E a mulher brasileira que, geralmente, tem toda sua attenção voltada para o lar, tem toda sua dedicação e o amor volvidos para as cousas domesticas, sem jamais se envolver nas attribuições políticas do homem, vai assim, quasi de chofre, influir na nossa vida politica, administrativa e patrimonial.

Não trar-lhe á isso um desequilibrio moral, não ser lhe á isso, no momento presente, bastante prejudicial?

A mulher, como todo ser humano, deve estar preparada para receber essas mutações, como um povo deve estar ensaiado para abraçar uma nova instituição.

E verdade que ninguem mais estranha no Brazil estarem as damas exercendo funções e serviços dantes so acessiveis no sexo masculino. Mas dahi.. a esse salto mortal?

No entanto, não somos infensos ao voto feminino, pelo contrario. Somos pela igualdade de direitos, alias já assegurada pela nossa Magna Carta nos seus artigos 72 e 73.

Não podemos negar o direito politico da mulher, porque essa no espirito da lei. Mas para obriga-la esta brusca transição é procurar perde-la.

Preparemola, pois, para esse nobre mister, eduquemola para esse bello objectivo, afim de que possamos vêr mais tarde concorrer com efficacia para a grandiosa obra do alevantamento nacional em toda sua plenitude e grandeza.

A autora reconhece a conquista histórica alcançada pelas mulheres, uma vez que elas foram

historicamente subjugadas e agora estão ganhando direitos políticos que refletem sua inteligência e moral. Durante o século XX, o estado de Goiás foi marcado pelo início de uma maior movimentação das mulheres, onde “construiu a si mesma como sujeito político e ressignificou seu papel na sociedade” (Santos; Clímaco, 2018, p. 5). O crescimento do feminismo instituiu-se no estado de Goiás quando o tema passou a ser discutido com frequência no Brasil e no mundo, além de que os movimentos feministas começaram a se expandir de forma significativa.

Nesta época, nos Estados Unidos e na Europa, as mulheres estavam à frente de manifestações buscando mudanças na sociedade na tentativa de conquistar seus direitos e ter o mesmo espaço que os homens. Assim, iniciaram-se as discussões a respeito da inserção das mulheres no mundo do trabalho, da política e das questões econômicas. Este momento refletiu e proporcionou o surgimento do feminismo em Goiás, pois o movimento das mulheres no estado foi, de certa forma, uma ressonância do que estava acontecendo nos Estados Unidos e na Europa.

O sufrágio foi visto pelas mulheres como uma oportunidade de competirem de forma igual com os homens na esfera política, após séculos de subordinação. No entanto, nas palavras da autora, são expressadas algumas preocupações em relação à prontidão das mulheres brasileiras para exercerem efetivamente esse direito recém-conquistado. Assim, em suas palavras, afirma-se que o feminismo no Brasil ainda está em estágios iniciais e que as ideias feministas são pouco difundidas. Além disso, questiona se a subitamente inserção das mulheres na vida política poderia causar um desequilíbrio moral e ser prejudicial no momento presente.

Apesar dessas preocupações, a autora declara apoio ao voto feminino e à igualdade de direitos, citando a Constituição Brasileira. No entanto, enfatiza a importância de preparar as mulheres para esse novo papel através da educação e do treinamento, para que possam contribuir eficazmente para o progresso nacional. Daí podemos fazer a seguinte reflexão: os homens precisaram de “treinamento” para participar da vida pública e política? Percebe-se que são impostas normas para dificultar a chegada das mulheres em outros campos da vida, como o direito ao voto, enquanto o homem é representado como sempre preparado e capacitado.

Reflexão sobre o processo de conquista de direitos humanos das mulheres goianas

Durante a história do estado de Goiás, até os dias de hoje, o processo de conquista de direitos humanos das mulheres tem sido uma jornada marcada por desafios, resistência e lutas. Desde o processo de colonização, as mulheres goianas têm lutado para alcançar igualdade de direitos, reconhecimento e autonomia em uma sociedade predominantemente patriarcal.

No decorrer do século XX, as mulheres eram impedidas de narrar suas próprias histórias e expressar suas opiniões, sendo que “...era exigida a abstenção de qualquer atitude que pudesse macular a sua imagem, a de seus pais ou a de seu marido. Sua pessoa era constantemente vigiada e posta à análise da sociedade” (Sousa, 2012, p. 07). Apesar de ainda lutarem pelos seus direitos atualmente, as mulheres foram conquistando seu espaço na sociedade, como o direito ao voto, acesso ao mercado de trabalho e educação.

O feminismo contribuiu/contribui para a ampliação do escopo dos direitos humanos das mulheres. A autora Pinto (2010, p. 22) evidencia que a ênfase está na autenticidade e na autonomia das mulheres no processo de construção de sua presença e influência na esfera política.

Penso que urge um programa de inclusão das mulheres na vida política, que não poder ser entendido como confecção de cartilhas ou campanhas publicitárias, mas, e eu estou convencida disto, como um programa para dar voz às mulheres, para construir espaços nos quais as mulheres falem. Dar a palavra para as mulheres – e só as mulheres podem fazê-lo de modo a não construir novas relações de poder.

É fato que ao longo dos séculos, as mulheres de Goiás enfrentaram diversas formas de discriminação e opressão, limitadas por normas sociais e estruturas institucionais que as relegavam

a papéis secundários e subalternos. No entanto, em meio a essas adversidades, também surgiram movimentos e vozes que buscaram transformar a visão preconceituosa e machista. Embora tenha sido um processo lento, torna-se necessário refletir sobre o caminho percorrido até aqui.

Analisar algumas das publicações no jornal *O Itaberahy* nos faz perceber como funcionava o sistema patriarcal naquele período e o quanto essas mulheres foram alvo da opressão ao longo do tempo. A autora Prá (2014, p. 176) aborda a relação intrínseca entre a busca pela igualdade de gênero e o respeito aos direitos humanos, destacando a importância de considerar a perspectiva de gênero ao discutir questões relacionadas aos direitos fundamentais, onde “reflete uma construção teórica e também política ao forjar uma agenda endereçada a garantir, promover e proteger os direitos das mulheres”. Portanto, a abordagem feminista enriquece a compreensão e a promoção dos direitos humanos, ao considerar as diversas interconexões de opressões que as mulheres enfrentaram/enfrentam.

Considerações finais

Os periódicos goianos que circulavam nas décadas de 20 e 30, do Séc. XX, nas cidades do estado de Goiás colaboraram para a maior visibilidade das causas feministas e as conquistas dos direitos das mulheres. Alguns periódicos evitavam incluir e defender as mulheres, visto que isso gerava polêmica, uma vez que devido ao conservadorismo arraigado na sociedade, “a imprensa ocupou um papel estratégico na elaboração de discursos e valores a serem apreendidos ou contestados” (Diniz, 2013, p. 21). O jornal *O Itaberahy* (1926-1930), embora contasse com escritoras goianas, evitava se envolver nessas polêmicas sobre feminismo.

A literatura foi um meio utilizado pelas mulheres elitizadas para mostrar seu intelecto e capacidade de escrever, opinar, narrar e participar da vida pública. O *Itaberahy*, enquanto criado e dirigido por homens, evitava discutir sobre o movimento feminista diretamente. Ainda que o periódico abordasse temas relacionados às mulheres, o estilo literário e as notícias presentes não tinham o objetivo de buscar uma transformação social.

A trajetória das mulheres goianas na busca por igualdade de direitos humanos é uma narrativa de resistência, superação e conquistas ao longo dos séculos. Desde o processo de colonização até os tempos contemporâneos, elas enfrentaram obstáculos impostos por uma sociedade patriarcal, onde suas vozes eram silenciadas e suas experiências apagadas.

A luta persistente das mulheres resultou em avanços significativos, como o direito ao voto, acesso à educação e ao mercado de trabalho. O feminismo desempenhou um papel crucial nesse processo, ampliando o escopo dos direitos humanos das mulheres e reivindicando sua autenticidade e autonomia na esfera política. No entanto, o processo foi lento e houve muitos desafios e críticas ao feminismo do Séc. XX.

Ao considerar a interseccionalidade das opressões que as mulheres enfrentam, a abordagem feminista e o estudo do feminismo enriquecem a compreensão e a promoção dos direitos humanos, oferecendo uma perspectiva mais abrangente sobre a história de vida das mulheres. Portanto, é por meio da reflexão crítica, da busca e do estudo contínuo sobre o processo de conquista dos direitos das mulheres que podemos enriquecer a historiografia e os estudos de gênero.

Referências

BRITO, Mariana Gonçalves Campos de. **Literatura de autoria feminina na América Latina**. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2021.

CURADO, Bento Alves Araújo Jayme Fleury. O legado cultural de Graciema Machado de Freitas. Disponível em: **Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás (AFLAG)**, *Goiânia*, [s.d].

DINIZ, Sávila Barros. **Mulheres na imprensa**: representações femininas no Correio Oficial, Cidade de Goiás (1930-1936). 2013. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v.17, n. 49, p.151-172, 2003.

FERREIRA, Gracy Tadeu da Silva. O coronelismo no Estado de Goiás (1889-1930): as construções feitas do fenômeno pela história e literatura. *In*: CHAUL, Nars Fayad (org.) **Coronelismo em Goiás: Estudo de casos e famílias**. Goiânia: Mestrado em História/UFG, 1998.

FREIRE, Isabela Barbosa. **Jornal o lar e a escrita de mulheres em Goiás: O Entre -lugar das negociações e reiteraões com o poder patriarcal**. 2016. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Goiás, Pós-graduação em Antropologia Social, Goiânia, 2016.

KARAWEJCZYK, Mônica. **As filhas de Eva querem votar: dos primórdios da questão à conquista do sufrágio feminino no Brasil (c.1850-1932)**. 2013. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil, 2013.

PINTO, Céli Regina Jardim. “Feminismo, história e poder”. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, jun. 2010.

PRÁ, J. Mulheres, direitos políticos e feminismo. **Cadernos Pagu**, n. 43, p. 169-196, 2014.

SANTOS, Danielle Silva Moreira dos. **Construindo o lar e conquistando a rua: discursos e práticas “femininas” no jornal “O Lar” (1926-1932) escrito por mulheres em Goiás**. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018.

SANTOS, Noemi. CLÍMACO, Magda. O protagonismo da mulher vilaboense e sua atuação no cenário musical: registros em periódicos e cruzamento de representações. *In*: **XXVIII Congresso da ANPPOM-Manaus/AM**. 2018.

SENEM, Marcio André. O feminismo de Virginia Woolf e a literatura pós-colonial. **Anuário de Literatura**, [S. l.], v. 13, n. 1, p. 111–121, 2008.

SOUSA, Beatriz Alves de; PEDRO, Joana Maria. Trajetória das mulheres brasileiras na carreira das letras: ensaio bibliográfico a partir de autoras contemporâneas. **Caderno Espaço Feminino** - Uberlândia-MG - v. 25, n. 1, p. 79- 95, 2012.

Fontes de arquivos:

JORNAL O ITABERAHY, Cidade de Itaberahy: edições de 1926 a 1930. Disponível no Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central (IPEHBC- Goiânia).

Recebido em: 15 de outubro de 2023

Aceito em: 23 de novembro de 2023